

servir de exemplo para todos os candidatos verdadeiros a seguidores fiéis do Mestre de Nazaré.

Meus queridos irmãos, a verdade é que ainda somos bastante covardes para sermos destemidos. Somos ainda muito medrosos e acomodados. Quem, como Francisco, ousaria deixar o conforto de seu lar, em plena juventude, e sair por aí querendo encontrar a Jesus? A coragem é virtude de Deus. É claro que não é fácil, eu já o disse, mas é possível. Se ele, Francisco, conseguiu, e tantos outros anonimamente, por que nós não podemos igualmente aceitar e vencer este desafio? Podemos sim e haveremos de fazê-lo senão não poderemos ser chamados de filhos de Deus que somos. É tudo uma questão de tempo, mas vamos conseguir.

Coragem, irmãos, a vitória nos espera. Precisamos, inicialmente, como condição *sine qua non*<sup>43</sup>, vencermos a nós mesmos, porque sem isso não obteremos qualquer vitória exterior. A coragem primeira é enfrentar os nossos anseios, os nossos vícios, a nossa dissensão com o bem, os nossos males morais. Depois disso, você vai ver que tudo ficará mais fácil. Vencer a si mesmo para depois vencer ao mundo, eis o desafio dos verdadeiros corajosos.

Peço a Deus que nos fortaleça, que nos ilumine o caminho, para reconhecermos a nossa grandeza interior, porque assim a coragem brotará naturalmente como um impulso espontâneo da nossa alma.

Que Deus nos abençoe!

<sup>43</sup> *Sine qua non* ou condição *sine qua non* originou-se do termo legal em latim para “sem o qual não pode ser”.

Fonte: Wikipédia, a enclopédia livre.

## Capítulo 42

### O mundo das drogas

À medida que o mundo evolui a passos largos, aumenta, ainda mais, uma preocupação que não devemos jamais baixar a guarda. Falo-vos da questão delicada das drogas. E o ambiente natural à proliferação do uso de drogas não é outro senão aquele onde as pessoas estão desavisadas sobre a vida, onde reina a perturbação, onde grassa a desesperança.

Nunca é demais imaginar que um viciado em drogas é um dependente de si mesmo. Não sabendo o que fazer, desorientado na vida ou em busca de prazeres cada vez mais intensos, o dependente procura refúgio numa grama de cocaína ou em outro produto químico que lhe dará temporariamente euforia, mas que, com o fim da fase inicial, cairá irremediavelmente em depressão e necessitará de mais drogas para evitar o estado de abandono em que se encontra. Passa, então, a viver uma realidade inexistente, ou melhor, “uma realidade ilusória”, criando enorme necessidade de vivê-la sem a qual provocará grandes estragos de relacionamento e confundirá definitivamente, enquanto dependente, os seus valores.

As drogas representam, em última análise, uma ausência de Deus e também, do deus interior. Não reconhecendo aquilo que é verdadeiro, buscará em algo

impalpável e fantasiante um motivo para ancorar o seu desequilíbrio. Fora isso, o dependente como outro qualquer é dependente, sobretudo, de afetividade. Como imaginar alguém realizado emocionalmente, de bem com a vida, motivado profissionalmente, de cabeça boa, procurar fugir de si mesmo e de todos por conta de uma “viagem” interior provocada superficialmente?

Adroga mais poderosa que existe, a droga do bem, é a paz interior, e esta só se consegue com sentimentos nobres no coração. Sei, é claro, que muitas vezes alguém envereda no cruel mundo das drogas porque um “amigo” ofereceu-lhe um trago, um experimento, e aí, de um em um, entra na onda da qual depois não consegue mais fugir. São mais dependentes químicos que psíquicos. Há outros, porém, que criam a dependência nas duas frentes, tornando-se mais difícil o desprendimento, e isto é terrível. Malgrado tais dependências, há uma outra, que percebo do mundo de cá, que são as influências perniciosas que presencio daqueles que, mesmo mortos, continuam desejando um cheiro a mais, uma falsa sensação de bem-estar temporário que a droga oferece, e aí induz pelo pensamento a sua vítima para juntos viajarem alucinadamente.

Meus queridos amigos, o que vejo do lado de cá, nestes casos, é degradante. O que faz alguém para criar dependência química, e depois espiritual, é um quadro interessante se não fosse desesperador. É terrível ver até crianças enveredarem no mundo das drogas e observar, atrás delas, outros viciados que lhes sugam as energias e as fazem delirar em encontros denunciantes, como falei, de completa ausência de Deus, pois se fossem alimentados

pelo verbo divino, não encontrariam necessidade alguma de entrarem num mundo que cobra bastante caro para sair-se dele.

A ausência de Deus é a ausência da vida. Ficar no mundo das drogas é negar ao próprio Deus e, consequentemente, à própria vida, mas o dependente sequer percebe isto. Há, por esta razão, todo um esforço a se fazer para que ele se reencontre novamente, que volte ao seu eixo de equilíbrio. Isto é difícil e exige esforço redobrado para novamente se ater à vida em harmonia. Precisamos encarar a dependência química como a ausência de Deus, porque, neste instante, além dos procedimentos normais de desintoxicação, é fundamental agarrar-se a algo superior, que dê forças “sobrenaturais” para que a pessoa possa se apoiar e abandonar, gradualmente, a sua dependência.

Há infelizmente, meus caros irmãos, uma grandiosa indústria da dependência química. Anualmente, bilhões de dólares sustentam a indústria do vício e, com ela, a indústria da bandidagem, criando, em paralelo, um exército do mal nas duas esferas do existir. As duas se unem numa incrível simbiose de organizações, proliferando mundo afora a custa de mais e novos desavisados para atraírem para a rede dos vícios. Um exército do mal se forma e com tentáculos inimagináveis em todas as camadas sociais e em todos os países do mundo. Se os homens tivessem uma noção, mesmo que palidamente, do universo que está por trás das drogas, correriam em disparada de qualquer tentação que lhe assaltasse.

É terrível ver os quadros de dependência, de

subjugação, que se criam diante das drogas que impiedosamente se alimentam de mais viciados que, sem escrúpulos, chegam até a matar ou morrer, para conseguir a falsa sensação de libertação. E o pior é que, em determinados meios, isto é considerado normal e taxam como careta aquele que não sente interesse em entregar a sua alma ao diabo do vício, diabo sim, porque não há figura mais próxima para descrever tais situações e relacionamentos do que a lendária figura do diabo.

Meus queridos amigos, nos casos já inevitáveis de dependência instalada, penso que o instrumento da oração, da confiança em Deus, da compreensão e, sobretudo, do carinho irrestrito, é fundamental para tirar da lama o irmão que não consegue se auto-reencontrar. Peçamos a Deus nesta hora as devidas forças para nos sustentar na ajuda ao irmão que se auto-motila, que destrói a sua própria vida, e, mesmo querendo, se sente impotente de livrar-se das várias formas de dependência de que é vítima.

Façamos da oração constante, da busca incessante de Deus, o refúgio de nossas almas para colaborar na transição do desespero para o equilíbrio total, porque somente no Pai Amantíssimo poderemos aurir as forças necessárias para separar adequadamente tais soluções.

Confiemos na possibilidade de vitória sempre, aliados ao nosso Pai Criador, e não haverá força alguma que consiga nos converter, até porque, quem assim procede, é porque temporariamente desconhece a luz divina que o habita e, por esta razão, transita na faixa da loucura.

Confiemos, Deus é a única saída.

## Capítulo 43

### Conversão

Tudo o que se pede ao seguidor do Cristo é que ele se dedique, de corpo e alma, ao desiderato a que se propõe. Ninguém é obrigado a ser aquilo que não deseja porque, na prática, a transformação será aparente e não efetiva. Quando se possui a consciência do que se quer, deve-se enveredar todos os esforços nesta direção. O problema que observamos é que muitos candidatos a seguidores do Senhor fazem a sua conversão da boca para fora e não por dentro como deveria ser.

A conversão real é algo que vem bem de dentro da alma. Não é pela aparência. Há um ditado que diz que o hábito faz o monge, mas não é verdade. As aparências têm o fito apenas de externar uma vontade ou, quando muito, um compromisso, mas não se traduz necessariamente numa prática diária e espontânea. O mundo que vivemos, requer, acima de tudo, coerência. Que sua palavra seja igual aos seus atos, ensinava o Mestre de Nazaré. Percebo que, em toda a Sua trajetória, Jesus condenou veementemente os hipócritas. Foi com eles, o tempo todo, terrivelmente implacável. Não baixou a bandeira um minuto sequer e por quê? Devemos lembrar aqui o ensinamento evangélico quando o Nosso Senhor observou que “*o reino de Deus não*